



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

DEVIR-MULHER DO CORPO QUE DANÇA: POTÊNCIAS DO FEMININO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

Carlos Adalberto dos Santos Cabral

(Mestrando/UFPA/PPGEDUC)/betinhocabral.mestrando@gmail.com

Gilcilene Dias da Costa

(UFPA/PPGEDUC)/costagilcilene@gmail.com

Resumo: A noção de devir configura a ideia-força deste estudo. Trata-se do “devir-mulher” (Deleuze; Guattari, 1995), um dos mais potentes devires, senão o maior, na visão destes autores. O devir-mulher sacode as estruturas do ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ e opera como disparador de outros devires, onde o corpo que dança é olhado por um ângulo trágico ou desafiador para além da moral enrijecida historicamente sobre a mulher. No decorrer do estudo indagamos: Que desconstruções o devir-mulher e suas ‘microfeminilidades’ provocam ao corpo, à dança, à moral, à educação? Como potencializar um devir-mulher artista do corpo que dança? Como interlocutores teóricos, citamos: Deleuze e Guattari (1995), Deleuze (2005), Friedrich Nietzsche (2000), José Gil (1997), Raudy Garaudy (1980), Trindade (2016); Jasso Martins (2011), Tânia Fonseca (2005), Gilcilene Costa (2011), A Cartografia percorrerá os movimentos do devir-mulher das artes do corpo na dança contemporânea. O devir-mulher é capaz de aflorar as “microfeminilidades” e gerar potências criadoras de uma “mulher molecular” ou “microfeminilidades” subversivas e inventivas do corpo que dança. Assim, o estudo tecerá uma correlação com as artes do corpo, não somente o feminino, mas também o masculino ou um corpo que dança não designado ou generificado, haja vista que, sendo um devir, as “microfeminilidades” são rizomáticas, multiplicidades que não se encerram na noção de propriedade ou pertença do feminino à condição da mulher, pois são movidas por processos criativos de desterritorialização e desconstrução do corpo e seus lugares instituídos.

Palavras-chave: Devir-mulher, Corpo, Dança, Feminino, Educação.

INTRODUÇÃO

O presente texto vai perpassar no âmbito conceitual do devir, dando ênfase para o devir-mulher do corpo que dança e toda sua potência de aflorar as “microfeminilidades” de um corpo feminino ou de um corpo masculino. O texto também vai abordar, dentro da esfera do devir, as ideias força provenientes das leituras para o brotar um estudo final, das correlações de apontamentos feitos por Deleuze e Guattari, Nietzsche, dentre outros,

no que se refere ao rizoma, aos devires, às desterritorializações, às artes, ao corpo, às linhas, às imanências, às sexualidades, à dança.

Pretende-se imantar dentro do processo de construção deste ensaio, aspectos que possam ser potencializados em relação ao devir-mulher no corpo que dança, não de maneira fechada e sim de maneira fragmentada e aberta, noção a qual inspirou o pensamento de Nietzsche, Deleuze, Guattari, entre outros filósofos da diferença.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Neste ensaio o devir poderá ser considerado como um pontapé inicial, um ponto de partida sem destino fixo e sim rizomático, transverso. Deve-se partir portanto, de um ponto providencial no campo do devir, e que será o objeto de estudo para este texto que é o devir-mulher do corpo que dança, serão como os primeiros passos de uma dança sem coreografia, uma dança livre, solta. Há de se aprender a improvisar; de se buscar uma definição de arte por acepções nietzschiana e deleuziana, de se ter criações contínuas que serão exigidas no percurso cartográfico no caminho da futura pesquisa.

Além do sobredito em torno do objeto de estudo deste ensaio, é necessário expor a vertente que vai ser investigada na pesquisa final. Nesse caso, o *devir-dançarino* e a potência do corpo que dança. Dentro da temática, pode-se fazer uma confluência entre o devir-dançarino como o singular ‘*Zaratrusta*’ de Friedrich Nietzsche, descrito como pura afirmação, uma dança, uma música, um canto à vida, uma figura da alegria, da inocência e da criação-destruição. Zaratustra é colocado como um inspirador de uma leveza que se desprende do peso e da gravidade moral ao ensaiar uma dança no caos da existência, do pensamento. Também com ele desejamos pensar/viver esse caos dançante como arte na educação. Ele também é um fogo que arde e

queima tornando-se algo novo constantemente.

Como fora supracitado, a ideia força do ensaio será o “devir-mulher” no corpo que dança. Até porque, devir-mulher “é majoritário por excelência ” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 70). Os autores expõem o devir-mulher com as honrarias e méritos que fazem dele um dos mais potentes devires, senão o maior, uma força subversiva e arrebatadora da qual a própria mulher precisa experimentar para devir outras feminilidades.

Martins (2011) fala sobre a perspectiva de um artista criador ao se deparar com a obra de Nietzsche:

O artista criador adquire, na obra de Nietzsche, o caráter de modelo para o pensar filosófico e de critério para determinar a essência do filósofo. O filósofo artista tem que transformar sua relação com o pensamento e com a verdade, para que esta não seja uma relação contemplativa, passiva, mas uma relação, conscientemente, criativa e ativa. Para o filósofo-artista, a investigação da natureza da arte e do artista deve exceder o âmbito estritamente estético e desempenhar uma função fundamental no conjunto de seu próprio pensamento. (MARTINS, 2011, p.61)

Para Mariani (2009), segundo a leitura que Nietzsche faz dos antigos gregos, estes



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

tinham plena consciência do aspecto negativo da vida, da sua inexplicabilidade e sua periculosidade, porém não se entregavam ao pessimismo, e tentavam moldar o mundo e a vida através da arte, conjurando um otimismo ao transformar a realidade em um fenômeno estético, e faziam de duas formas, a mentalidade apolínea e a dionisíaca.

E por ser a dança um dos atributos do Deus Dionísio, a mesma (juntamente com o corpo), assumirá um teor de protagonismo na futura pesquisa, abarcando interfaces filosóficas, artísticas, históricas, sociais e pedagógicas.

1- ENCONTRO COM DEVIR (ES) E SUAS ESFERAS CONCEITUAIS

Meu encontro com os devires e seus respectivos conceitos, se deu a partir do momento que adentrei o programa de pós graduação e tive que buscar leituras dentro deste âmbito. Entrei no mundo de Deleuze e Guatarri e fui guiado pelas suas ponderações rizomáticas que davam a indicação que não havia um devir, mas sim devires. Uma multiplicidade deles. Tive ciência da relação do fogo como devir, do conceito e acepção filosófica que devir é um conceito que surge com a noção de “vir-a-ser”; da “chave dos devires” dita por Deleuze e Guatarri (1995), que é o devir-mulher; a noção do devir-criança,

do devir-revolucionário, de um devir-corpo, devir-artista até eu chegar no devir-dançarino que será um objeto de estudo, bem como o corpo que dança. Nesse viés Deleuze (1998, p.74) afirma que “Os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão, quanto na ação”.

Para compreender o conceito de devir, faz-se necessário analisar acepções e fazer correlações diversas. Algumas é por o fogo como um princípio de devir, tentando fazer uma confluência da manifestação em que consiste este elemento. Heráclito faz esta acepção do fogo como devir e além do fogo fazia a exemplificação do rio. Onde o mesmo homem não atravessa o mesmo rio.

Dentro do âmbito do fogo, Santos(1990) também afirma que:

Abrigo de princípios contrários, o fogo é essencialmente contradição: carência e saciedade são o par de opostos que explicam sua ação no universo. Animado pela carência, cresce e se mantém em quanto houver o que devorar. Por sua natural indigência, destrói as diferenças entre as coisas, ao mesmo tempo em que, sobrevivendo, opera distinções, através de suas correlativas mutações, caracterizando cada uma



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

delas: anula particularidades e também "discerne e julga". Segundo Platão, o fogo heraclítico é o princípio sutil inteligível que, insinuando-se por toda parte, governa o universo (SANTOS, 1990, p. 7).

Dentro desse âmbito de princípios contrários, o fogo heraclítico uni em si mesmo os elementos que o "Lógos vem reunindo para constituir o Saber, e revelá-lo diante de nós, 'fazendo-se ver em luz' . 'O deus é dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome, mas se alterna como o fogo'" (SANTOS, 1990, p.8).

Dentro de uma outra perspectiva de devir, Lins (2009) expõe que Hegel e Nietzsche fizeram de Heráclito um precursor, por ter ele "proclamado haver tão somente o ser do devir, o que implica uma espécie de síntese da afirmação e da negação, logo síntese movediça" (p. 3). Nesse âmbito, Lins(2009) analisa que Hegel percebe em Heráclito uma "confirmação da dialética mobilizada com o mundo (o *logos* se faz espírito)" (idem); já Nietzsche instiga um embate "psicológico e ontológico entre forças ativas e reativas nas quais se trata de esclarecer um equilíbrio do devir por meio de uma tensão: vontade de devir sempre mais" (idem).

Ainda no campo conceitual de devir, Trindade (2016) afirma que o devir possui uma definição singular criada por Deleuze e

Guattari. Para esses autores é imprescindível entender como o pensamento do devir funciona, ou seja, existem devires, e eles se definem em um campo de multiplicidade e desdobramento de diferença, no qual as forças que constituem um corpo entram em uma zona de convergência.

2 - A CHAVE DOS DEVIRES: O DEVIR MULHER

Permanecendo no campo filosófico do devir, a noção de *rizoma* permitirá brotar ideias-força na futura pesquisa que parte deste artigo. Trata-se agora do "devir-mulher. Deleuze e Guattari conceituam o devir-mulher e nos aproximam de algumas abordagens Nietzscheanas sobre a própria mulher indo de encontro a aspectos relacionados a este devir, fazendo-nos parar e pensar na diferença. No caso de Nietzsche, o próprio conceito do devir se aplica ao seu modo de viver: mudança constante, de estar nômade, como o próprio filósofo que tinha como dinâmica de vida, mudanças constantes.

Krahe e Matos (2010) expõe que o devir não se opõe a uma forma, não quer alcançar uma forma definitiva, não se define



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

numa forma; não atinge isso, não concretiza a forma para qual se quer. Se for dito mulher, homem ou animal, são formas; são alianças efetivas com as políticas de identidade e de gênero para a constituição dessas formas. Mas se for dito devir-mulher, devir-homem e devir-animal, são tendências de um ser que flui e perpassa, constituindo com os outros seres, alianças afetivas e rizomáticas, que fazem sempre escapar das políticas de identidade.

Por sua vez, Trindade (2016) evidencia o devir-mulher partindo da ideia deleuziana de que todos os devires se efetivam por este “devir minoritário”, em que a mulher é certamente um ponto de partida. Minorias que estão em maior número e que precisam ser olhadas por um ângulo trágico ou desafiador, tendo em vista que a forma homem fomenta uma moral enrijecida historicamente sobre a mulher. Trindade (2016) reitera que:

Para a forma homem, tudo está em segundo plano, tudo veio depois dele. A mulher veio de sua costela, a criança é um homem em formação, o animal é um ser irracional que deve ser domesticado. O homem quer colocar o mundo aos seus pés, ele está fixado em um plano molar de existência, vive no mundo das ideias. (TRINDADE, 2016, p. 3).

Trindade (2016), ainda expõe que o devir-mulher sacode as estruturas do ser

homem, por isso a linha molar traça um plano definido de modelos dominantes: homem, branco, adulto, racional, heterossexual, trabalhador, ocidental. Já Deleuze e Guattari (1997), ensejam o devir-mulher como disparadores de outros devires, uma porta de entrada para qualquer “devir minoritário”; no movimento subversivo e inventivo do devir a mulher é a primeira a desterritorializar o homem e fazer fugir suas formas binárias e hierárquicas.

Versar sobre o que foi sobredito do devir-mulher é algo que pode render encontros teóricos significativos com as artes de um corpo que dança na educação, pois o devir-mulher permitirá aferir sobre as “microfeminilidades” e gerar potências criadoras de uma “mulher molecular” ou “microfeminilidades” subversivas e inventivas do corpo que dança. É importante ressaltar que ao pesquisar sobre um corpo que dança no viés educacional, partindo de um devir-dançarino, proveniente de um devir-molécula-mulher, buscar-se-á tecer uma correlação com as artes de educar de um corpo não somente feminino, mas também masculino ou um corpo não designado (podendo ser estudantes, professores, profissionais da dança, pessoas diversas), haja vista que, sendo um devir, as “microfeminilidades” são rizomáticas, multiplicidades que não se encerram na noção



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

de propriedade ou pertença do feminino à mulher ou à condição similar.

Dentro da esfera do devir-mulher, Krahe e Matos (2010) apontam que:

O devir-mulher é a possibilidade de não fazer parte dos jogos essencialistas de identidades formadas pelas políticas determinantes do multiculturalismo e das políticas de gênero e sexualidade. Pois o devir-mulher traz a possibilidade de fluir nos signos assignificados, isto é, produzir novas subjetividades ainda não capturadas [...]. (p.6)

De acordo com o sobredito, o devir-mulher permite aferir que este devir não flui somente em mulheres; nos deixar implícito, que de acordo com uma política de gênero e de sexualidade, que um devir mulher pode fluir em um homem Fonte: registro do autor. Outubro 2018.

As imagens foram de com um interlocutor da pesquisa, que usa uma máscara para deixar em aberto uma pergunta aos espectadores: “é mulher ou homem?”. Traços femininos, força masculina, acessórios femininos num corpo masculino que dança feminino.

2- O DEVIR-MULHER NO CORPO QUE DANÇA

Para conceituar um devir-mulher no corpo que dança é preciso alcançar um devir

imprevisível, pois a dança, não precisa ser sempre sincronizada ou sincopada, neste sentido, rápida. Pode ser improvisada, livre, desprendida, fluídica, ou seja, fluir de acordo com a melodia rítmica de uma música. Ela (a dança), também pode ser contínua, caracterizando assim o devir, pois falar em devir é falar em e se mover, pois “tudo se move”, e nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta, sem exceção e isso nos remete também ao fogo como devir, pois o fogo fica continuamente em movimento. Em suma, tudo dependerá do movimento do corpo que dança e que torna esta arte (que é feita com o corpo), uma forma de subjetividade no âmbito individual e coletivo.

Um devir-mulher no corpo que dança, ‘pode herdar’ as forças orgiásticas de Dionísio, em virtude da energia que lhe envolve, e pode se potencializar nas palavras deste deus-filósofo. Nietzsche, na sua obra *O nascimento da Tragédia*, faz o seguinte questionamento: “o que é dionisíaco?”. Dentro de um processo empírico pode-se dizer que é algo relacionado ao deus Dionísio. Mas *Apolíneo* e *Dionisíaco* são conceitos potentes no pensamento deste filósofo alemão e vão muito além de um simples tatear.

Ainda no que diz respeito ao *devir*, Deleuze e Guattari (1997) sinalizam que ele pode ser um *rizoma* que permitirá uma conexão com aspectos diversos. Os aspectos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

até aqui mencionados do devir serão provenientes de uma ‘força’ motriz: a arte. Mas não a arte em sua totalidade, e sim uma arte singular no encontro com o corpo em sua potência de criação: a dança. Dançar o corpo, dançar a moral, dançar o currículo, dançar a educação. Desterritorializar o corpo e o pensamento de seus lugares demarcados e instituídos, experimentar/inventar outros modos de educação pela arte em seus desdobramentos pedagógicos.

José Gil deixa implícito que o corpo tem uma função vital. Além do que, ele – o corpo – é a matéria da dança e da expressão corporal. Ele tem uma linguagem particular e bem expressiva, aliado com rítmicas, alcança uma potencialidade que perpassa por diversas linhas. Uma delas é a artística, outra pode ser a recreativa, profissional, terapêutica etc. Mas a linha que vai dar sentido a esta pesquisa é a da arte do corpo que dança como potência inventiva na educação, uma arte experimentada por movimentações e devires coletivos dentro de um espaço escolar ou não.

3- POTÊNCIAS DO FEMININO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

A dança contemporânea possui uma característica singular. Ela busca romper com a rigidez do balé clássico. Ela não prega nem a estética. Na verdade o que importa é a transmissão de uma sensação pelo corpo. É

fazer do corpo que dança, uma ferramenta de repasse de sensações e sentimentos. A (o) intérprete/bailarina (o) tem autonomia e para fazer algo que lhe dê liberdade, sem se preocupar com técnicas apuradas e enrijecidas.

Partindo de um princípio básico da dança contemporânea, ela é capaz de desterritorializar um corpo masculino que é capaz de executar movimentos femininos. Se não há regras, não há pudores. O feminino surge como potência avassaladora, capaz de fazer a correlação com esta arte feita pelo corpo, corpo este não somente o feminino, mas também o masculino, isto é, um corpo que dança não designado ou generificado, haja vista que, sendo um devir, as “microfeminilidades” são rizomáticas e as potências são inúmeras.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas



Imagem 1. Registro do autor.

A imagem trata-se de um espetáculo intitulado como “Brincadeira de criança”, onde as intérpretes/bailarinas tinham que representar bonecas. Apesar do feminino da boneca, os movimentos eram enrijecidos, duros e não tinham a representação do feminino na essência. Já na imagem a seguir os intérpretes bailarinos, tinha que interagir com as mulheres e faziam homens brincando de bonecas. Isso tudo tendo o corpo e a dança como a arte.



Imagem 2. Registro do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O anseio com este ensaio é de futuramente com a pesquisa, potencializar o devir-mulher no corpo que dança. O estudo visa buscar uma correlação com a arte que o corpo pode fazer que é a dança, não somente a mulher e o jeito feminino de dança, mas também o masculino que pode dançar movimentos femininos. O trabalho final visa buscar um corpo que dança não designado ou genericado, haja vista que, sendo um devir, as “microfeminilidades” são rizomáticas, multiplicidades que não se encerram na noção de propriedade ou pertença do feminino à condição da mulher fazer a arte de dança. Uma arte precisa ser encarada como uma teia de invenções e inovações de sentidos múltiplos que instiguem as potências inventivas, e estejam voltadas para as potências do corpo que dança em suas movimentações e devires.

REFERÊNCIAS

COSTA, Gilcilene. *Por uma educação leve* - ao modo de Zaratustra, O “dançarino-destruidor”. Disponível em: <www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4132/3778>. Acesso em: 20 out.2018.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. IV. São Paulo: Editora 34, 1997.

GIL, José. *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: Editora Relógio D´Água,1997.

KRAHE, Inês; MATOS, Sônia. *Devir-mulher como diferença*. Disponível em: <



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/devir_mulher.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

LINS, Daniel. *Heráclito ou a intenção do devir*. In.: Daniel Lins (org.). O devir criança do pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MARTINS, Jasson. *Expressividade e criatividade na estética de Nietzsche*. Disponível em: < <file:///C:/Users/Admin/Downloads/1638-4957-1-PB.pdf>>. Acesso em: 29 out.2018.

MARTINS, André (Org). *O Mais Potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. Revisão Técnica: Danilo Bilate. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* - Prólogo. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das letras, 2004c.

ROCHA, Zeferino. *Heráclito de Éfeso, filósofo do logos*. Disponível em: < <file:///C:/Users/Admin/Desktop/NOVO%20PROJETO/H%C3%A9raclito%20de%20Efeso.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2018.

SANTOS, Maria. *A lição de Heráclito*. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/trans/v13/v13a01.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2018.

TRINDADE, Rafael. *Ética dos devires*. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2016/04/12/devir/>> Acesso em: 20 out. 2018.